

MULHERES DA CAFEICULTURA NO CAMPO DAS VERTENTES - MG: POTENCIALIDADES E DESAFIOS¹

Luiza Andrade Zenith²; Danielle Pereira Baliza³; Helena Maria Ramos Alves⁴; Roseani Borges Peixoto⁵; Sérgio Parreiras Pereira⁶; José Alves Junqueira Júnior⁷; Josiane Cotrim Macieira⁸

¹ Trabalho financiado pelo CNPq, FAPEMIG e IF SUDESTE MG;

² Graduanda, Universidade Federal de Lavras (UFLA), Lavras, MG, luizazenith.lz@gmail.com;

³ Agrônoma, Ph.D. em Agronomia (Fitotecnia), professora do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais (IF SUDESTE MG), Bom Sucesso, MG, danielle.baliza@ifsudestemg.edu.br;

⁴ Agrônoma, Ph.D. em Avaliação da Terra e Ciência do Solo, pesquisadora da Embrapa Café/ Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (EPAMIG), Lavras, MG, helena.alves@embrapa.br;

⁵ Bolsista PIBICTI/IF Sudeste MG, Discente de Graduação do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais (IF SUDESTE MG), Bom Sucesso, MG, roseaniborges02@hotmail.com;

⁶ Agrônomo, doutor em Agronomia (Fitotecnia), pesquisador do Instituto Agronômico de São Paulo (IAC SP), Campinas, SP, sergiopereira@iac.sp.gov.br;

⁷ Engenheiro Agrícola, doutor em Recursos Hídricos em Sistemas Agrícolas pela UFLA, professor do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais (IF SUDESTE MG), Bom Sucesso, MG, jose.junqueira@ifsudestemg.edu.br;

⁸ Jornalista, mestre em Comunicação Política, presidente fundadora da Aliança Internacional das Mulheres do Café (IWCA Brasil), consultora da ONU MULHERES, Brasília, DF, josianecotrim.iwca@gmail.com.

RESUMO: Atualmente, destaca-se o papel das mulheres na cafeicultura brasileira, área tradicionalmente masculina, na qual as mulheres estão ganhando espaço e visibilidade como agrônomas, administradoras, proprietárias, trabalhadoras rurais, meeiras e arrendatárias, entre outras funções. Apesar dos avanços, a equidade de gênero ainda não prevalece, pois ainda existem diversas barreiras, como a disparidade salarial, dificultando a ascensão feminina aos postos mais elevados na hierarquia. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo analisar o perfil das mulheres que estiveram presentes na fundação do subcapítulo Campo das Vertentes da Aliança Internacional das Mulheres do Café (ou em inglês International Women's Coffee Alliance - IWCA). O evento ocorreu na Universidade Federal de Lavras (UFLA) em junho de 2017. E, contou com a presença de cafeicultoras, pesquisadoras, estudantes, representantes de cooperativas, associações e também da indústria, ou seja, representantes de quase todos os segmentos do sistema agroindustrial do café. Em virtude da participação dessas mulheres em diversos setores da cafeicultura e das barreiras ainda existentes para alcançar a equidade de gênero, tornou-se necessário conhecer o perfil da mulher envolvida com a cultura cafeeira. Assim, das 87 pessoas que estiveram presentes na fundação do subcapítulo, 56 mulheres responderam ao questionário. Algumas mulheres não quiseram responder o mesmo e como no evento existia também homens eles não puderam participar dessa pesquisa. Essas mulheres responderam ao questionário estruturado que foi composto por questões como: dados pessoais, atuação no sistema agroindustrial do café e mulher na cafeicultura. De acordo com os resultados obtidos observa-se que as mulheres participantes da fundação do subcapítulo da IWCA Campo das Vertentes são em sua maioria jovens com idade entre 18 a 35 anos (50%), apresentam alto nível de escolaridade (75% com ensino superior ou pós-graduação), se declararam brancas (71%) e recebem entre 2 a 5 salários mínimos por mês (44%). Observa-se ainda que elas estão inseridas em diferentes segmentos do sistema agroindustrial do café no Brasil. No entanto, para a maioria das mulheres (85%) ainda há mais homens do que mulheres na sua área de atuação. E para 70% das respondentes os salários entre homens e mulheres não são iguais mesmo que elas desempenhem as mesmas atividades dos homens. As informações apresentadas visam provocar e auxiliar no planejamento de ações e políticas públicas para melhorar a qualidade de vida dessas mulheres, principalmente no que se refere a diferença salarial existente entre homens e mulheres que desempenham a mesma função.

PALAVRAS-CHAVE: equidade de gênero, mulheres rurais, IWCA

WOMEN OF COFFEE GROWING IN THE CAMPO DAS VERTENTES-MG: POTENTIALITIES AND CHALLENGES

ABSTRACT: Nowadays, we highlight the role of women in Brazilian coffee plantations, a traditionally masculine area, in which women are gaining space and visibility as agronomist, administrators, owners, rural workers, tradespersons and Tenants, among other functions. Despite the advances, gender equality still does not prevail, as there are still several barriers, such as disparity and female ascension to higher ranks in the hierarchy. In this context, the present work aims to analyze the profile of women who were present in the foundation of the subchapter Campo das Vertentes of the International Women's Coffee Alliance (IWCA). The event took place at the Federal University of Lavras (UFLA) in June 2017. And, it was attended by coffee growers, researchers, students, representatives of cooperatives, associations and also of the industry, that is, representatives of almost all segments of the agro-industrial system of coffee. Due to the participation of these women in various sectors of coffee and the barriers still existing to achieve gender equity, it became necessary to know the profile of women involved with coffee culture. Thus, of the 87 people who were present at the foundation of the subchapter, 56 women responded to the questionnaire. Some women

did not want to answer the same and as in the event there were also men they could not participate in this research. These women responded to the structured questionnaire that was composed of questions such as: personal data, performance in the agro-industrial system of coffee and woman in coffeehouse. According to the results obtained it is observed that the women participating in the foundation of the subchapter of the IWCA Campo das Vertentes are mostly young people aged between 18 to 35 years (50%), have a high level of schooling (75% with higher education or Reported White (71%), receive between 2 to 5 minimum wages per month (44%) And about 50% live together with their companions. It is also observed that they are inserted in different segments of the agroindustrial system of coffee in Brazil. However, for most women (85%) There are still more men than women in their area of expertise. And for 70% of respondents the salaries between men and women are not equal even if they perform the same activities of men. The information presented aims to provoke and assist in the planning of actions and public policies to improve the quality of life of these women, especially with regard to the wage difference existing between men and women who play the same function.

KEY WORDS: Gender equity, rural women, IWCA

INTRODUÇÃO

Ao longo da história a mulher tem lutado pela igualdade de direitos, na busca constante por autonomia e reconhecimento. No Brasil, a mulher contemporânea está presente tanto na indústria quanto no campo. Porém, mesmo com a migração para esses setores elas ainda possuem uma jornada de trabalho que não se encerra ao final do expediente, pois, muitas vezes, elas tem que lidar com a família e os afazeres domésticos na chamada dupla jornada do trabalho feminino. No setor cafeeiro, área tradicionalmente masculina, as mulheres estão ganhando espaço e visibilidade como agrônomas, administradoras, proprietárias, trabalhadoras rurais, meeiras e arrendatárias, entre outras funções (FERREIRA et. al., 2018).

Apesar dos avanços, a equidade de gênero ainda não prevalece. Nenhum país apresenta uma completa igualdade entre homens e mulheres (MARCONE, 2009), pois ainda existem diversas barreiras, como a disparidade salarial, dificultando a ascensão feminina aos postos mais elevados na hierarquia (COSTA, 2013). No Brasil, em relação aos rendimentos médios do trabalho, as mulheres recebem cerca de $\frac{3}{4}$ do que os homens ganham, já no que se refere a ocupação de cargos gerenciais os homens respondem por 60,9% enquanto as mulheres por apenas 39,1% (IBGE, 2018).

A Aliança Internacional das Mulheres do Café (ou em inglês International Women's Coffee Alliance - IWCA) foi criada em 2003, a partir do encontro de mulheres da indústria norte-americana de beneficiamento e comercialização de café com pequenas produtoras da Nicarágua. A metodologia da IWCA se faz através da criação de capítulos nos países produtores e consumidores. Atualmente existem capítulos em 22 países de todo o mundo (IWCA BRASIL, 2019). A fundação do capítulo brasileiro da IWCA ocorreu em 2012. E, em virtude da extensão territorial brasileira foi necessário dividir o capítulo da IWCA no Brasil em subcapítulos. Hoje existem 8 subcapítulos brasileiros e, eles estão presentes nas principais regiões produtoras no país. Com o capítulo da IWCA no país iniciou-se a discussão de gênero na cafeicultura brasileira (MACIEIRA, 2018; IWCA BRASIL, 2019).

O subcapítulo Campo das Vertentes foi instituído no dia 22 de junho de 2017, em evento realizado na Universidade Federal de Lavras (UFLA). E, contou com a presença de 21 cafeeicultoras dos municípios de Bom Sucesso, Perdões, Santo Antônio do Amparo, São Tiago, Ibituruna e Lavras; pesquisadoras, estudantes, representantes de cooperativas, associações e também da indústria, ou seja, representantes de quase todos os segmentos do sistema agroindustrial do café. O subcapítulo tem como objetivo unir forças na região para gerar mais oportunidades para as mulheres no setor cafeeiro (IWCABRASIL, 2019).

Em virtude da participação dessas mulheres em diversos setores da cafeicultura e das barreiras ainda existentes para alcançar a equidade de gênero, tornou-se necessário discutir a inserção e a participação das mulheres envolvidas com a cultura cafeeira na região Campo das Vertentes - MG. Dessa forma, o presente estudo propõe analisar o perfil das mulheres que estiveram presentes na fundação do subcapítulo Campo das Vertentes da IWCA.

MATERIAL E MÉTODOS

A coleta das informações da presente pesquisa foi feita durante a criação do subcapítulo Campo das Vertentes da IWCA. O evento ocorreu na Universidade Federal de Lavras (UFLA) em junho de 2017. A pesquisa foi baseada na aplicação de um questionário estruturado contendo questões como: dados pessoais, atuação no sistema agroindustrial do café e mulher na cafeicultura. Assim, das 87 pessoas que estiveram presentes na fundação do subcapítulo, 56 mulheres que atuam em vários setores do sistema agroindustrial do café (agrônomas, administradoras, proprietárias, trabalhadoras rurais, meeiras, arrendatárias, fornecedoras, empresárias, apreciadoras e outras funções) responderam ao questionário. Algumas mulheres não quiseram responder o questionário e como no evento existia também homens eles não puderam participar dessa pesquisa. Antes do início da aplicação dos questionários, foi explicado de forma mais detalhada o objetivo do questionário, como seria realizada a pesquisa e a importância desta tanto para as entrevistadas quanto para o meio acadêmico, e assumindo o compromisso de esclarecer as dúvidas que poderiam surgir durante a entrevista.

Os dados levantados pela pesquisa foram tabulados e organizados. Após a sistematização dos dados, os mesmos foram analisados por meio do software estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Science), que tem sido utilizado no meio acadêmico-científico e empresarial como ferramenta para o procedimento de análises (HAIR JUNIOR et al., 1995).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira questão avaliada foi com relação à faixa etária das mulheres respondentes, que pode ser visualizada na Figura 1. Pela análise desta figura pode-se perceber que as entrevistadas são mulheres mais jovens (50% possui idade entre 18 a 35 anos) enquanto 41% estão na faixa etária entre 36 e 59 anos. Apenas 9% das mulheres possuem 60 anos ou mais. Resultado semelhante foi verificado por Ferreira et al. (2018) ao analisar o perfil de 737 mulheres que atuam no sistema agroindustrial do café no Brasil e observaram que 44,9% das mulheres possuem entre 18 e 35 anos e aquelas com idade acima de 60 anos representavam apenas 8,7% do total. Em um outro estudo realizado com mulheres no Espírito Santo na região das Montanhas (municípios de Alegre, Venda Nova do Imigrante, Guaçuí e Afonso Cláudio) os autores também verificaram uma porcentagem maior de jovens entre 18 e 35 anos (35%) (NADER, 2018), o que corrobora os achados no presente estudo e também por Ferreira et al. (2018).

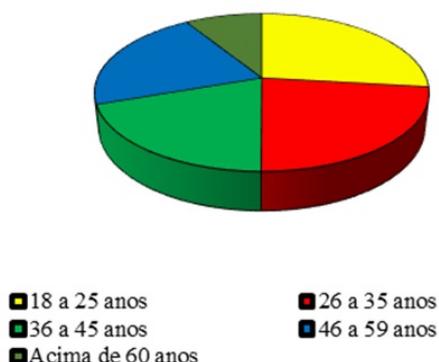


Figura 1 – Idade conforme o questionário respondido por 56 mulheres atuantes na cafeicultura do Campo das Vertentes – MG.

Com relação à etnia 71% das mulheres se declararam brancas, e outras 22% pardas. A porcentagem de entrevistadas que não responderam a essa questão foi de 7% (FIGURA 2). Em um estudo realizado sobre a dinâmica das relações de gênero no sistema agroindustrial do café os autores verificaram que a maioria das entrevistadas (73,8%) se declararam brancas, 18,7% se intitularam pardas e apenas 3,7% se declararam negras (FERREIRA et al., 2018). Já Baliza et al. (2017) ao analisar o perfil das mulheres que atuam em distintos setores da cadeia produtiva do café no município de Bom Sucesso –MG verificaram que a maioria das participantes se declararam pardas, sendo: 86% das funcionárias da cooperativa; 71% das trabalhadoras rurais e 57% das cafeicultoras não cooperadas, com exceção das cafeicultoras associadas à cooperativa em que a maioria se declarou branca (71%). Para esses autores os setores mais frágeis da cadeia produtiva do café do município de Bom Sucesso, isto é, os ocupados pelas trabalhadoras rurais e pelas funcionárias da cooperativa, foram os que apresentaram os maiores percentuais de entrevistadas pardas (mais de 70%). Naturalmente esse posicionamento subordinado no mercado de trabalho, que só pode ser revelado com maior clareza através de estudos mais aprofundados, tem raízes históricas e é fruto da convergência de vários fatores, por exemplo, a discriminação racial e de gênero, as diferentes inserções socioeconômicas que engendram diversas oportunidades de acesso à riqueza, à educação, à cultura, etc (BRUSCHINI; LOMBARDI, 2001/02).

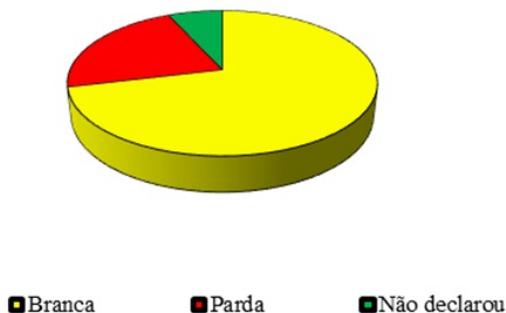


Figura 2 – Etnia conforme o questionário respondido por 56 mulheres atuantes na cafeicultura do Campo das Vertentes – MG.

No tocante à escolaridade 75% possuem curso superior (completo ou incompleto) ou pós-graduação. Nenhuma respondente disse não ser alfabetizada (FIGURA 3). Resultado semelhante foi verificado por Ferreira et al. (2018) ao analisar o perfil de 737 mulheres atuantes no sistema agroindustrial do café no Brasil em que os autores observaram que 58% das mulheres possuem ensino superior ou pós-graduação e apenas 0,5% não são alfabetizadas. Observa-se que o ambiente no qual o questionário foi aplicado pode ter interferido no perfil de escolarização das respondentes. Isto é, quando as mulheres foram entrevistadas em ambientes acadêmicos, eventos técnico-científicos e pela internet observou-se um nível maior de escolaridade. Porém, quando as entrevistas são feitas com as mulheres que estão no campo, o tempo de estudo reduz. Meira et al. (2013) em um estudo sobre a dinâmica das relações de gênero no setor da cafeicultura no município da Barra do Choça na Bahia, entrevistaram 25 mulheres e verificaram que a maioria das entrevistadas (52%) possuíam o ensino fundamental incompleto. Nader (2018) em estudo com mulheres do Espírito Santo também constatou que metade das entrevistadas tem ensino fundamental completo ou incompleto.



Figura 3 – Escolaridade conforme o questionário respondido por 56 mulheres atuantes na cafeicultura do Campo das Vertentes – MG.

Com relação aos rendimentos mensais a maioria das entrevistadas (44%) afirmaram receber entre 2 a 5 salários mínimos, 21% declarou receber mais de 5 salários mínimos, enquanto 20% recebem um salário mínimo ou menos. Finalmente 9% das mulheres declaram não possuir renda e apenas 6% delas não responderam à essa pergunta (FIGURA 4). No estudo realizado por Baliza et. al. (2017) com mulheres atuantes em diferentes setores da cafeicultura do município de Bom Sucesso – MG apenas as cafeicultoras associadas à cooperativa apresentavam renda acima de 6 salários mínimos, enquanto a maior parte das trabalhadoras rurais, cerca de 57%, possuíam renda abaixo de um salário mínimo mensal.



Figura 4 – Renda conforme o questionário respondido por 56 mulheres atuantes na cafeicultura do Campo das Vertentes – MG.

Quando questionadas sobre a sua atuação dentro do sistema agroindustrial do café, constatou-se que 36% das mulheres atuam na produção do café, dentre elas 79% são cafeicultoras e 16% trabalhadoras rurais em diferentes fazendas/chácaras/sítios, consideradas safristas. Outra atuação com alta porcentagem de mulheres foi a do ensino, pesquisa e extensão, que contou com 32% do total de entrevistadas. Contudo, esse elevado percentual de mulheres nesse setor só ocorreu porque a pesquisa foi realizada no âmbito de um recinto acadêmico. As outras áreas foram menos representadas, como mercado/comércio (7%), publicidade (4%), logística (4%), indústria/processamento (4%) e consultoria (4%). Finalmente, 9% disseram atuar em outra área (FIGURA 5). Ferreira et. al. (2018) encontraram dados semelhantes em que a atuação mais expressiva foi das mulheres no setor de produção de café (56,9%), sendo 90% das respondentes cafeicultoras, seguida pela atuação no ensino, pesquisa e extensão (12,5%).



Figura 5 – Atuação conforme o questionário respondido por 56 mulheres atuantes na cafeicultura do Campo das Vertentes – MG.

Quando as mulheres foram questionadas sobre a proporção de homens e mulheres dentro do setor em que atuam nota-se que para 85% das mulheres existem mais homens do que mulheres na sua área de atuação, já para 5% das entrevistadas existe o mesmo percentual, enquanto para 5% existem mais mulheres. Apenas 5% das entrevistadas não responderam à essa questão (FIGURA 6). Esses resultados corroboram com aqueles encontrados por Arzabe e Hana (2015), ao realizarem uma análise de gênero no âmbito da pesquisa científica direcionada ao tema café, em que verificaram no que tange à liderança de projetos de pesquisa, maior percentual de líderes do sexo masculino (em média 70% dos projetos são coordenados por homens), assim como maior percentual de acesso às bolsas de maior valor, destinadas aos profissionais com vasta experiência (em média 90% destas bolsas são destinadas ao público masculino).

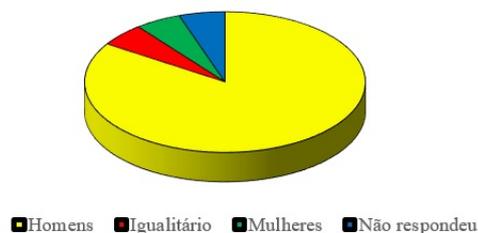


Figura 6 – Proporção de homens e mulheres na área de atuação das entrevistadas.

A diferença de salários entre homens e mulheres ainda é marcante uma vez que 70% das respondentes afirmaram que os salários não são iguais mesmo desempenhando as mesmas funções. Para 15% das entrevistadas os salários são iguais (Figura 7). Enquanto 11% das mulheres não sabem ou não responderam a essa pergunta. Apenas 4% delas afirmaram que a existência dessa diferença salarial depende do setor em que atuam. O que confirmou a ideia de Damasceno (2010) sobre a diferença salarial existente entre homens e mulheres. Dados publicados pelo IBGE corroboram aos encontrados e revelam que as mulheres recebem cerca de $\frac{3}{4}$ do que os homens ganham (IBGE, 2018).

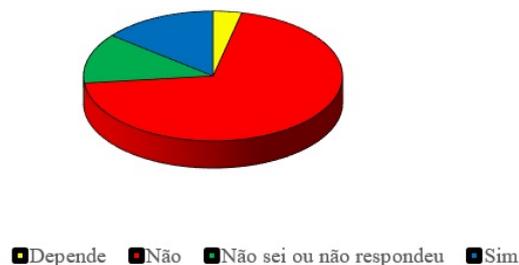


Figura 7 – Existência de diferença salarial entre homens e mulheres.

CONCLUSÕES

1. O presente estudo possibilita a visualização do perfil das mulheres que participaram da fundação do subcapítulo da IWCA Campo das Vertentes, incluindo dados étnicos, econômicos e educacionais.
2. O perfil dessas mulheres varia de acordo com o setor do sistema agroindustrial do café em que estão inseridas e também sofre variação por causa do ambiente no qual a pesquisa é realizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARZABE, C.; HANA, R. O. A. Uma abordagem de gênero no universo da pesquisa sobre café. In: ARZABE, C. et. Al. Mulheres dos cafés no Brasil. Brasília, DF: Embrapa, 2018. P. 282 – 291.
- BALIZA, D. P. et. al. Perfil das mulheres na cadeia produtiva do café no município de Bom Sucesso – MG. Niterói, RJ: Gênero, 2017, v.18, p. 075 – 097.
- BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. R. Instruídas e trabalhadeiras: trabalho feminino no final do século XX. Cadernos Pagu, n. 17/18, 2001/02.
- COSTA, A. O. Felizes contentes e feministas. In: VENTURA, G.; GODINHO, T. (Org.). Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013. P.37-46.
- DAMASCENO, L. D. J. Empreendedorismo feminino: um estudo das mulheres empreendedoras com modelo proposto por Dornelas. 2010. 59 f. - Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Administração de Empresas). Faculdade 7 de Setembro, Fortaleza, 2010.
- FERREIRA, W. P. W.; RIBEIRO, S. M. N. F.; FONSECA, H. P.; MIRANDA, T. V.; DIAS, C. R. G.; GOBETH, N. Perfil das mulheres que atuam no sistema agroindustrial do café no Brasil (fase 1). In: ARZABE, C. et. Al. Mulheres dos cafés no Brasil. Brasília, DF: Embrapa, 2018. P. 22 – 38.
- HAIR JUNIOR, J. F.; ANDERSON, R. E.; TATHAM, R. L.; WILLIAM, C. Multivariate data analysis. ed 4. New Jersey: Prentice Hall, 1995.
- IBGE. Estatística do gênero: indicadores sociais das mulheres. In: Estudos e pesquisas: informação demográfica e socioeconômica. Brasil, 2018, v. 38.
- IWCABRASIL. História e subcapítulos. Disponível em: <<http://www.iwcabrasil.com.br>> Acesso em: 15 jul.2019.
- MACIEIRA, J.A. GÊNESE DA Aliança Internacional das Mulheres do Café no Brasil: fazendo história. In: ARZABE, C. et. Al. Mulheres dos cafés no Brasil. Brasília, DF: Embrapa, 2018. P. 282 – 291.
- MARCONI, S. Igualdade de gêneros: uma estratégia para o desenvolvimento cooperativo. In: BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Cooperativismo de gênero. Brasília, DF: Mapa/ACS, 2009, p. 24-32.
- MEIRA, A. L.; SANTOS, P. R. P.; CONCEIÇÃO JÚNIOR, V.; DE OLIVIERA, D. F.; OLIVIERA, H. H.; DE SOUZA, S. E. Uma abordagem sobre o papel da mulher na cadeia produtiva do café no município da Barra do Choça – Bahia. In: VIII Simpósio de Pesquisa dos Cafés do Brasil, 2013, Salvador. Brasília: EMBRAPA Café; 2013.
- NADER, M. B. Núcleos femininos de trabalhadoras do café no Espírito Santo. In: ARZABE, C. et. Al. Mulheres dos cafés no Brasil. Brasília, DF: Embrapa, 2018. P. 162 – 190.